Ética e efetividade na telereabilitação de pacientes com insuficiência cardíaca: limites da autonomia, adesão e qualidade do cuidado à distância

Autor(res)

Laura Bianca Dorásio Da Silva
Larissa Ferreira De Miranda
Aline Lopes Moutinho
Sergio Coelho Falci
Marcela Nascimento Do Carmo
Dandara Cristina Soares Da Silva
Bianca Freitas De Souza

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA

Resumo

Introdução:A insuficiência cardíaca congestiva (ICC) é uma condição crônica que compromete a função cardíaca, provocando sintomas como fadiga, dispneia e edemas, afetando especialmente idosos. A pandemia de COVID-19 impactou o acompanhamento presencial desses pacientes, e a telereabilitação surgiu como alternativa viável para manter os cuidados, utilizando tecnologias digitais. Contudo, esse modelo de atendimento remoto também levantou questões éticas, como a preservação da autonomia, adesão e qualidade da assistência, exigindo uma reflexão crítica sobre sua implementação.
OBJETIVO: Analisar os principais desafios éticos relacionados à aplicação da telereabilitação em pacientes com insuficiência cardíaca congestiva.
METODOLOGIA:Foi realizada uma revisão narrativa da literatura com base em ensaios clínicos randomizados. A busca ocorreu na base PubMed, entre abril e maio de 2025, com inclusão de artigos entre 2020 e 2025, publicados em português, inglês ou espanhol, que abordassem aspectos éticos da telereabilitação em pacientes com ICC. Foram excluídos textos sem foco ético ou que tratassem apenas de questões clínicas.
RESULTADOS:O estudo de Hwang et al. (2017) mostrou que a telereabilitação domiciliar é tão eficaz quanto a presencial, com boa adesão e melhora da capacidade funcional. Já Ferreira et al. (2023) investigaram a telereabilitação híbrida e encontraram melhoras significativas na qualidade de vida e alta satisfação dos pacientes, com baixa taxa de abandono.
DISCUSSÃO: Estudos indicaram benefícios como aumento da motivação, segurança e qualidade de vida. No entanto, também surgem desafios, como sintomas de ansiedade e episódios adversos isolados. Do ponto de vista ético, destaca-se a importância de manter o vínculo terapêutico, mesmo à distância, garantindo escuta ativa, personalização do cuidado e respeito à autonomia do paciente.
CONCLUSÃO: A telereabilitação é uma opção segura e promissora para pacientes com ICC, com bons resultados em curto prazo. A combinação entre sessões remotas estruturadas e acompanhamento contínuo pode ampliar o

acesso e otimizar os cuidados, desde que aliada a uma abordagem ética centrada no paciente.